

Deus Ateu

O site Deus Ateu é uma plataforma digital que se relaciona com os mais diversos campos da cultura.

Com Os Bolsos Cheios de Pão – Motivo sem razão e elenco irretocável – Por Marcio Tito.

Publicado em 13 de março de 2022 14 de março de 2022



Edgar Castro e Donizeti Mazonas são raríssima perfeição. Impressionante poder de fazer ver – foto: Keiny Andrade.

Por Marcio Tito (<http://@marciotitop>)

Penso que uma pessoa sensibilizada ao tema dos espaços infinitos e suas incontáveis possibilidades, quando assombrada pela dureza da vida (que dia após dia nos constrange quando nos impele a termos ciência de estarmos irremediavelmente vivos e vivendo em sociedade, e que, diante da existência de si e do outro, de modo bastante involuntário, também participamos de incalculáveis grupos capazes de revelar qual cultura participamos e perpetuamos) sem esforço e naturalmente perceberá que a “verdade”, essa “verdade” cartesiana e cristã, que perseguimos para sermos sempre mais infelizes, é uma estúpida e conflagrada narrativa fadada ao fracasso, e assim, ao contrário do espetáculo em questão, não precisará mais fabular acerca daquilo que foi suficientemente dito em “Esperando Godot”.

Quero dizer que pontos de vista e as ciências exatas, ainda que se queiram exatas, darão na mesma enquanto nossa espécie erguer-se tutora de tais discursos. Afinal, importa a ciência ser exata, mas, ainda assim, refém do “livre arbítrio”?

Não há possibilidade de “verdade” enquanto emissores e receptores partilharem da mesma essência humana (e, sendo humana, contraditória).

Sendo assim, o que é que se conquista como área ou obra quando tais artifícios acerca da linguagem e da “verdade” aparecem, outra vez, outra repetida vez, mas agora com sotaque europeu?

Neste ponto, talvez melhor alcançando a materialidade do texto de Matei Visniec, antropológicamente falando, valeria perguntarmos a razão de ainda precisarmos eleger um romeno que nos dirá tais coisas.

É sim encantador sabermos que um romeno intelectual, artista e sexagenário vem a compreender e precisar dizer o que compreendemos e sentimos na estação Sé do metrô em São Paulo num dia qualquer, mas qual a fundamental necessidade de precisarmos trazer de tão longe um discurso que outrora, e sem sotaque, já discursamos?

As instituições aceitam melhor projetos cuja expressão contenha passaporte? O que é que nos instiga a montar especificamente este Visniec e não o texto de alguns e algumas jovens artistas que se certo dariam conta de uma fabulação deste porte?

Deixo tal questionamento desaparecer e pulo aos demais motivos da encenação que, em suma, é também um excelente espetáculo:

Qual a maior destinação de uma representação? O que precisa realizar o teatro que se quer teatro? Pessoa inteligentíssima, cujo nome me esqueci, teria dito que todo o esforço do ator e da atriz está numa luta por nitidez. Nada mais.

Nitidez.

Tornar sempre mais nítida a realidade do que está colocado ali, naquele não-lugar do teatro, diante de quem vê. Um exercício de nitidez e para deixar sempre clara a temperatura da figura, da fábula, da tese, do desenlace, dos desencontros todos.

Assim, nítido até não sobrar dúvida quanto ao enredo e sua poética, o teatro se faz no corpo de seus “cavalos”. Contudo, se for mesmo este o trabalho do elenco, Edgar e Donizeti alcançaram a perfeição. Pois é exatamente esta a realização cênica que nos apresenta a dupla de intérpretes de Com os Bolsos Cheios de Pão.

Ver a dupla acertar cada tom, e cada resposta e cada tempo, ainda que dando perfeição para resolver um texto nem urgente e nem singular, é uma daquelas epifanias capazes de suspender todas as nossas dúvidas acerca do progresso, do futuro da espécie e do que seria o Belo entre os homens e as mulheres.

A montagem expressiva, porém irregular, tem ganhos e dúvidas. Me escapa a urgência de montarmos com tanto esmero uma dramaturgia tão conectada às pautas mais comuns de um teatro que repetimos ao limite, por exemplo, no supracitado teatro pretensamente beckettiano, contudo, fazendo aqui uma bem evocada separação, reforço não existir qualquer comentário contra o que é o elenco e toda a potência poética, sonora e visual que constrói o ambiente narrativo do espetáculo.

As áreas entregam uma indiscutível ambientação polissêmica daquilo que está dentro e fora das personagens e assim, o que de fato coube ao corpo criativo da montagem, aplausos e mais aplausos!!

Agradecemos pela leitura desta crítica!

Sobre o espetáculo;



Cada aplauso e cada prêmio serão pouco. Organismo cênico em estado de graça! Edgar Castro & Donizeti Mazonas! Fotos : Keiny Andrade

Ficha técnica:

Texto: Matei Visniec.

Tradução: Fábio Fonseca de Melo.

Direção: Vinícius Torres Machado.

Elenco: Edgar Castro e Donizeti Mazonas.

Trilha Sonora: Pedro Canales.

Cenário e Figurinos: Eliseu Weide.

Iluminação: Wagner Antonio.

Assistente de Direção: Rafael Costa e Jéssica Mancini.

Produção Executiva: Jota Rafaelli – MoviCena Produções.

Publicado em *Crítica Teatral*

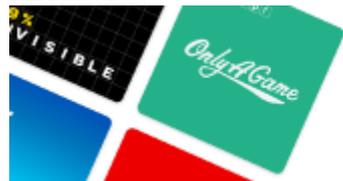
**.DEUS
ATEU**

Publicado por Deusateu

[Ver todos os posts por Deusateu](#)

[Blog no WordPress.com.](#)

Anúncios



**The go-to app for
podcast lovers.**



[DENUNCIAR ESTE ANÚNCIO](#)

Palco Paulistano

Pontos de vista de um espectador... Por José Cetra

MATÉRIAS - TEATRO

quinta-feira, 10 de março de 2022

COM OS BOLSOS CHEIOS DE PÃO



Fotos de Keiny Andrade

No início dos anos 2000, circulavam pelas escolas de teatro e pelas oficinas de dramaturgia, cópias xerox de textos de certo dramaturgo romeno que estava em voga na Europa. Tratava-se de Matéi Visniec, um ilustre desconhecido entre nós.

Um desses textos - que foi o primeiro a que tive acesso - era *Com os Bolsos Cheios de Pão*. Na minha superficial análise da ocasião escrevi "Bons diálogos, um conflito atrás do outro, mas que não leva a nada e lembra 'Esperando Godot'". Não há dúvida que nessa fase o autor tem uma grande influência de Samuel Beckett, mas daí a concluir que o texto não leva a nada foi um equívoco da minha parte.

O interesse pela obra de Visniec cresceu e teve surpreendente expansão com o lançamento da maioria de suas peças pela Editora É. Só na segunda década deste século foram montadas em São Paulo mais de uma dezena de suas peças por renomados nomes do nosso teatro.

Chegou a vez da, ao que eu saiba, primeira montagem profissional de *Com os Bolsos Cheios de Pão* e o resultado é surpreendente.

Aqueles dois homens, um com uma bengala e o outro com um lenço na cabeça, que substitui o chapéu do original, estão ali, diante de um poço onde caiu um cão que não se sabe se está vivo ou morto. Tagarelam, fazem mil conjecturas, mas não fazem nada de concreto para salvar o cão. É aquela imobilidade tão comum entre nós que faz com que os que detém o poder sigam em frente com suas insanas atitudes.

- *Então vamos?*

- *Vamos!*

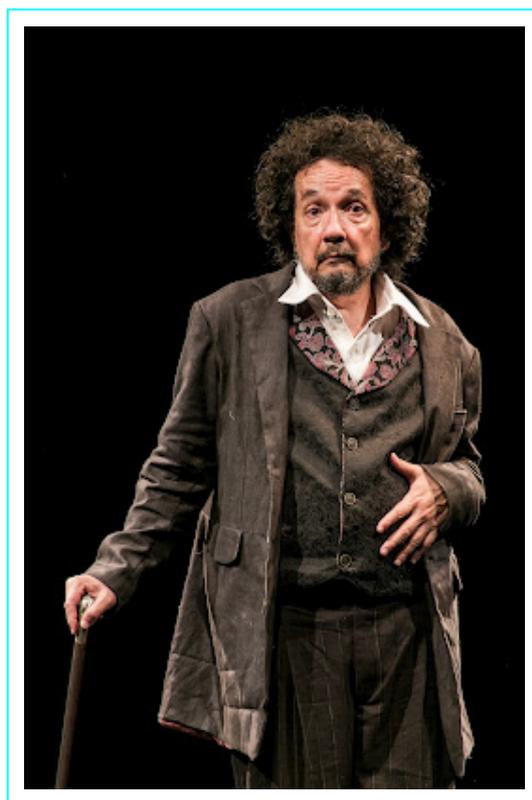
(permanecem imóveis no mesmo lugar)

Dessa maneira terminam o primeiro e o segundo ato de *Esperando Godot* de Beckett e essa (in)ação domina toda a trama da peça de Visniec; mas há uma grande diferença entre Vladimir e Estragon e os homens de *Com os Bolsos Cheios de Pão*, a questão dos primeiros é mais metafísica enquanto os segundos têm diante de si um problema concreto e nada fazem para resolvê-lo, além de falarem, falarem, falarem... sem sair do lugar!

A criativa encenação de Vinicius Torres Machado situa toda a ação em um bloco circular com cerca de um metro e meio de diâmetro e a mesma medida de altura. O cenário e os figurinos são assinados por Eliseu Weide.

Bastante verborrágica e propositalmente repetitiva nos diálogos, a dinâmica da peça encontra seus aliados na criativa e surpreendente iluminação de Wagner Antonio e na força e talento de seus intérpretes.

Edgar Castro empresta seu conhecido talento ao homem da bengala, aparentemente mais forte e convicto de suas ideias.



Donizeti Mazonas compõe com maestria o patético e frágil homem com chapéu. Seu tom de voz, suas expressões faciais e sua movimentação cênica naquele exíguo espaço me deixaram literalmente com um sorriso amargo na boca aberta. A temporada teatral está apenas começando, mas esse trabalho já pode ser considerado como um dos melhores e mais significativos do ano.



A peça encerra a temporada no SESC Pompeia em 18/03 (de terça a sexta às 21h), mas deve cumprir uma nova no Teatro Cacilda Becker em data a ser divulgada.

NÃO DEIXE DE VER!

10/03/2022

José Cetra às [10:56](#)

Compartilhar

Um comentário:



Unknown 12 de março de 2022 19:14

qual o titulo da peça em romeno?

Responder

Para deixar um comentário, clique no botão abaixo e faça login com o Google.

FAZER LOGIN COM O GOOGLE



[Página inicial](#)



[Ver versão para a web](#)

Quem sou eu

José Cetra

Mestre em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Membro da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). Espectador assíduo de teatro e cinema.



[Ver meu perfil completo](#)

Tecnologia do Blogger.

Sobre (<https://teatrojornal.com.br/teatrojornal/>) **Textos**

Acervo (<https://teatrojornal.com.br/acervo/>)



Razão ilhada

25.3.2022 | por Valmir Santos
(<https://teatrojornal.com.br/author/valmirsantos/>)

Foto de capa: Keiny Andrade

COMPARTILHE

Feito pássaros que manobram durante o voo, controlando suas asas, Donizeti Mazonas e Edgar Castro equilibram-se numa área de pouco mais de metro de diâmetro, a metro e meio do tablado. O palquinho suspenso, um monolito circular metálico concebido pelo cenógrafo Eliseu Weide e como que expandido pela iluminação de Wagner Antonio, vira epicentro espaçotemporal do espetáculo *Com os bolsos cheios de pão*.

Os atores extraem da exiguidade – que é também das falas cirúrgicas – uma composição física dilatadora. Conectam suas presenças à vastidão do teatro do Sesc Pompeia desenhado pela arquiteta Lina Bo Bardi, bifrontal, aqui operando em plateia única. A concreção e o vazio ao redor, acentuado pela outra plateia de fundo, vestem sentidos outros à peça curta do romeno Matéi Visniec.

A circunstância e a inércia conspiram para um estado de fracasso que ganha materialidade por meio do diálogo. Entre subterfúgios e uma difusa crise de consciência, os personagens não nomeados pouco dividem sobre suas gêneses. Adereços, porém, dão pistas do caráter de cada um. Mazonas é o que faz do lenço na cabeça um chapéu, surgindo em figurino de tons claros. Castro, antagonista, apoia-se em muleta e usa roupas escuras. E assim dão pistas das origens de classe, cabendo a Mazonas encarnar subliminarmente limites entre as condições animal e humana, lançando mão de repertório gestual que aos poucos torna-se ponto nevrálgico.

Representações caninas em *Vau da Sarapalha* (1992), do Piollin Grupo de Teatro (PB), em palco convencional, ou em *A pereira da Tia Miséria* (2010), do Núcleo Ás de Paus (PR), ao ar livre, exemplificam como a animalidade, conjunto de atributos que caracterizam a parte instintiva do humano, são empreitadas desafiadoras para atores que ambicionam transcender reducionismos.

Teatrojornal
“Em ‘Com os bolsos cheios de pão’, o dispositivo cilíndrico da cenografia, um palquinho engoliria atuações que não sopessassem o ardil e o ímã maniqueísta de lado a lado. Como senhores e servidores nas correlações em jogo, Doniozeti Mazonas e Edgar Castro vingam vetoriais para uma leitura universalizante pela qual se pode medir o sarrafo na escalada da indiferença e da irracionalidade”

Doniozeti Mazonas e

Edgar Castro
contracenam em ‘Com os bolsos cheios de pão’, peça do Toméu Mateu

Visniec encenada por Vinicius Torres Machado; temporada gratuita nos teatros distritais de São Paulo, o Alfredo Mesquita e o Cacilda Becker

Foto: **Keiny Andrade**

Artista de livre deslocamento entre dança e teatro, Mazonas desvia de caricaturas para, paulatinamente, buscar, justapor espelhamento ao objeto oculto da narrativa: o cão. Flerta com bestialidades e brutalidades que estão na ordem do dia no embate com interlocutor atuado por Castro, outro dosador de recursos minimalistas sob medida no papel de antípoda. Ambos realimentam forças de tensão marcadas pela ausência de nexos que permeia o texto.



Escrita em 1984, a história versa sobre dois sujeitos que rondam o poço onde um cachorro caiu ou ali foi atirado, vai saber. De cabo a rabo, eles conjecturam sobre o estado do animal. Constatam que está vivo. Especulam o que fazer para salvá-lo. Mas ao fim não agem. Protelam. Lavam as ^{buscar} mãos. Atitude randomica desprezível diante da dor do outro. Passadas três jornadas diuturnas, tudo indica que o ser vivo sucumbe. Quem sabe pelo baque seco ou por afogamento.

Sobre (<https://teatrojornal.com.br/teatrojornal/>) **Textos**

Ações (<https://teatrojornal.com.br/acoes/>)

Circunstância dada desde a largada, a queda do bicho precipita a rixa moral

Acerco (<https://teatrojornal.com.br/acerco/>)

ente, quem foi cúmplice, quem atirou migalhas ou pedras para saber se o ente no fundo do buraco estava com fome ou restava vivo.



(<https://www.sescsp.org.br/unidades/pompeia/>)

No subtexto, a encenação de Vinicius Torres Machado captura o estado inoperante, anestesiado, de parte da população e das elites financeira, política e jurídica da sociedade brasileira nos dias de hoje. A Fundação Getúlio Vargas apurou que, em 2021, eram 27 milhões as pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza. A carestia dá as caras sem disfarces no espaço público. Constatação que mal faz pestanejar o andar de cima a engolir, goela abaixo, um mandante autocrático e seu aparato estatal-familiar regido pelo instinto de morte.

A peça de Visniec projeta o espírito da época em que a ditadura comunista na Romênia, vigente havia décadas, começava a fazer água com a crise econômica, culminando na revolta popular de 1989, quando o casal presidencial Nicolae e Elena Ceausescu foi fuzilado em pleno Natal.

O autor partiu de experiência pessoal. Usuário do transporte público para chegar à escola rural em que dava aula de história, ele fazia o percurso final em bicicleta. Certa vez, escutou latidos do poço abandonado da vila, o que deduziu ser um pedido de ajuda. De soslaio, viu que a pelagem era branca, mas seguiu pedalando por causa do compromisso. Não demorou a ser tomado de “uma culpa terrível o dia inteiro”, como escreveu. À noite, contudo, soube que o cachorro havia sido salvo. “De repente, tive a revelação do escopo metafórico dessa peça: esse cachorro, era eu, esse cachorro, era todo o povo romeno trancado na ditadura a pedir inutilmente ajuda.” Não custa lembrar que sob o regime opressor a comida era racionada.

A variação de ângulos da dramaturgia condiz com o carrossel de sentimentos rancorosos ou dissimulados. A arte de dissuadir passa pelo ato do silêncio, por desferir o ódio, acusar o outro, evocar suposições as mais absurdas, suspeitar sobre quem morde e quem tem raiva. Os afetos são de natureza mais profunda na intimidade dessa gangorra para dois ditos indignados.

É possível encontrar ressonâncias das duplas de desvalidos em Plínio Marcos ou carregadas de aura metafísica em Samuel Beckett. A equalizá-las, modos desesperados de sobrevivência que nem a régua do nihilismo alcança. Afinal, há quem carregue o desprezo pela existência como pedregulho dentro de si, não raro arrastando-se em vida.

O dispositivo cilíndrico da cenografia engoliria atuações que não sopesassem o ardil e o ímã maniqueísta de lado a lado. Como senhores e servidores nas correlações em jogo – vide solos em *Osmo* (2014), por Mazonas, e *Dezuó, breviário das águas* (2016), por Castro –, os atores vingam vitoriosos para uma leitura universalizante pela qual se pode medir o sarrafo na escalada da indiferença e da irracionalidade.

Mazonas (esquerda) e Castro são dois personagens indignados com um cachorro em um poço, mas sem conseguir tomar nenhuma atitude

Foto: **Keiny Andrade**

Teatrojornal

LEITURAS DE CENA

buscar

[Sobre](https://teatrojornal.com.br/teatrojornal/) (<https://teatrojornal.com.br/teatrojornal/>)

[Textos](#)

[Ações](https://teatrojornal.com.br/acoes/)

teatrojornal.com.br/acoes/

[Acervo](https://teatrojornal.com.br/acervo/)

teatrojornal.com.br/acervo/



Serviço:

De 19 de março a 3 de abril

Teatro Alfredo Mesquita (avenida Santos Dumont, 1.770, Santana, tel. 11 2221-3657, 198 lugares)

Sábado, 21h, e domingo, 19h

Entrada gratuita, distribuição 1 hora antes da sessão

Classificação indicativa: 14 anos.

Duração: 70 minutos

De 22 de abril a 15 de maio

Teatro Cacilda Becker (rua Tito, 295, Lapa, tel. 11 3864-4513, 198 lugares)

Sexta e sábado, 21h; domingo, 19h

Entrada gratuita, distribuição 1 hora antes da sessão

Classificação indicativa: 14 anos.

Duração: 70 minutos

Projeto contemplado pela 11ª edição do Prêmio Zé Renato de Teatro para a Cidade de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura

Ficha técnica:

Texto: Matei Visniec

Tradução: Fábio Fonseca de Melo

Direção: Vinicius Torres Machado

Com: Edgar Castro e Donizeti Mazonas

Trilha sonora: Pedro Canales

Cenário e figurinos: Eliseu Weide

Teatrojornal

Iluminação: Wagner Antônio
LEITURAS DE CENA

buscar

Assistente de direção: Rafael Costa e Jessica Mancini

Sobre (<https://teatrojornal.com.br/teatrojornal/>) **Textos**

Ações (<https://teatrojornal.com.br/ações/>) Produção executiva: Iota Rafaelli MoviCena Produções

Acervo (<https://teatrojornal.com.br/acervo/>)

ARQUIVADO EM: **[Com os bolsos cheios de pão](https://teatrojornal.com.br/tag/com-os-bolsos-cheios-de-pao/)** (<https://teatrojornal.com.br/tag/com-os-bolsos-cheios-de-pao/>)

[Crítica](https://teatrojornal.com.br/tag/critica-2/) (<https://teatrojornal.com.br/tag/critica-2/>)

[Donizeti Mazonas](https://teatrojornal.com.br/tag/donizeti-mazonas/) (<https://teatrojornal.com.br/tag/donizeti-mazonas/>)

[Edgar Castro](https://teatrojornal.com.br/tag/edgar-castro/) (<https://teatrojornal.com.br/tag/edgar-castro/>)

[Eliseu Weide](https://teatrojornal.com.br/tag/eliseu-weide/) (<https://teatrojornal.com.br/tag/eliseu-weide/>)

[Fábio Fonseca de Melo](https://teatrojornal.com.br/tag/fabio-fonseca-de-melo/) (<https://teatrojornal.com.br/tag/fabio-fonseca-de-melo/>)

[Matei Visniec](https://teatrojornal.com.br/tag/matei-visniec/) (<https://teatrojornal.com.br/tag/matei-visniec/>)

[Sesc Pompeia](https://teatrojornal.com.br/tag/sesc-pompeia/) (<https://teatrojornal.com.br/tag/sesc-pompeia/>)

[Teatro Alfredo Mesquita](https://teatrojornal.com.br/tag/teatro-alfredo-mesquita/) (<https://teatrojornal.com.br/tag/teatro-alfredo-mesquita/>)

[Teatro Cacilda Becker](https://teatrojornal.com.br/tag/teatro-cacilda-becker/) (<https://teatrojornal.com.br/tag/teatro-cacilda-becker/>)

[Valmir Santos](https://teatrojornal.com.br/tag/valmir-santos/) (<https://teatrojornal.com.br/tag/valmir-santos/>)

[Vinicius Torres Machado](https://teatrojornal.com.br/tag/vinicius-torres-machado/) (<https://teatrojornal.com.br/tag/vinicius-torres-machado/>)

[Wagner Antônio](https://teatrojornal.com.br/tag/wagner-antonio/) (<https://teatrojornal.com.br/tag/wagner-antonio/>)

(<https://teatrojornal.com.br/author/valmirsantos/>)



VALMIR SANTOS
([HTTPS://TEATROJORNAL.COM.BR/AUTHOR/VALMIRSANTOS/](https://teatrojornal.com.br/author/valmirsantos/))

valmir@teatrojornal.com.br
([mailto:](mailto:valmir@teatrojornal.com.br)
valmir@teatrojornal.com.br)

Jornalista e crítico fundador do site Teatrojornal – Leituras de Cena, que edita desde 2010. Escreveu em Econômico, Bravo! e O Diário, de Mogi das Cruzes, na Grande São Paulo. Autor de livros ou capítulos, além de colaborador em curadorias ou consultorias para mostras, festivais ou enciclopédias. Cursa doutorado em artes cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde fez mestrado na mesma área.



SEMANA DA CENA
ITALIANA CONTEMPORÂNEA
EM SÃO PAULO

de 10 a 15 de maio de 2022

CENA

Teatrojornal

LEITURAS DE CENA

buscar

Sobre (<https://teatrojornal.com.br/teatrojornal/>) **Textos**

Ações (<https://teatrojornal.com.br/acoes/>)

Acervo (<https://teatrojornal.com.br/acervo/>)

(<https://www.sescsp.org.br/unidades/pompeia/>)

RELACIONADOS



LEITURAS DE CENA

Site de crítica teatral criado em 20 de março de 2010 e empenhado na difusão e análise da cena contemporânea. Valoriza a abordagem jornalística e ambiciona dialogar com amplo círculo de leitores.

SIGA O TEATROJORNAL

SOBRE
([HTTPS://TEATROJORNAL.COM.BR/TEATROJORNAL/](https://teatrojornal.com.br/teatrojornal/))

AÇÕES
([HTTPS://TEATROJORNAL.COM.BR/ACOES/](https://teatrojornal.com.br/acoes/))

Biocrítica
(<https://teatrojornal.com.br/biocrit>)

Encontro com Espectadores
(<https://teatrojornal.com.br/encom-com-espectadores/>)

Crítica Militante
(<https://teatrojornal.com.br/critica-militante/>)

TEXTOS
Crítica
(<https://teatrojornal.com.br/catego>)

Artigo
(<https://teatrojornal.com.br/catego>)

Reportagem
(<https://teatrojornal.com.br/catego>)

Entrevista
(<https://teatrojornal.com.br/catego>)

Teatrojornal

LEITURAS DE CENA

ACERVO
(<https://teatrojornal.com.br/acervo/>)

Sobre (<https://teatrojornal.com.br/teatrojornal/>) **Textos**

Ações (<https://teatrojornal.com.br/acoes/>)

Copyright © Teatrojornal 2022. Todos os direitos reservados. contato@teatrojornal.com.br | contato@teatrojornal.com.br :: Desenvolvido por [Reppublica](http://reppublica.com.br)
(<http://reppublica.com.br>)

ruína acesa

menu



[🏠 início](#) » [teatro](#) » chegou Godot e ele é um cão abandonado no poço



teatro

chegou Godot e ele é um cão abandonado no poço

14/03/2022 Por Amilton De Azevedo

crítica de *Com os bolsos cheios de pão*, de Matéi Visniec, com direção de Vinicius Torres Machado.

GODOT: Falar de quê? Falar por quê?

BECKETT: Falar. O mais importante é falar. Vamos falar de tudo.

GODOT (*olha em torno, assustado, a multidão sentada na rua*): Meu deus, o que é que eu vou dizer?

(*O ÚLTIMO GODOT*, DE MATÉI VISNIEC, TRAD. ROBERTO MALLET)

Em 1987, ano em que deixou a Romênia de Nicolae Ceaușescu para viver na França, o dramaturgo Matéi Visniec escreveu *O último Godot*, dedicada a Beckett e ao próprio personagem (ausente), *para dizer-lhe adeus*, conforme afirma em pós-fácio que acompanha o texto da obra, [publicada no Brasil em 2012](#) pela É Realizações. A editora tem a intenção de lançar o teatro completo de Visniec em português; em 2017, *O último Godot* foi republicado em [Os Bolsos Cheios de Pão e outras peças curtas](#).

Com *os bolsos cheios de pão* foi escrito em 1984 – ou seja, três anos antes do autor separar-se de Beckett. Na sinopse da obra em inglês, [presente no site do próprio Visniec](#), há uma associação direta entre seus personagens (Homem de Bengala e Homem de Chapéu) e a dupla Vladimir e Estragon.

Mas aqui, se há um Godot, ele é o cão abandonado no fundo do poço. Na encenação de Vinicius Torres Machado, em cartaz no Sesc Pompeia, Edgar Castro e Donizeti Mazonas atuam sobre uma plataforma cilíndrica (a cenografia é de Eliseu Weide) e a árvore seca beckettiana é substituída pelo palco desnudado: aproveitando a arquitetura do teatro de Lina Bo Bardi, a plateia ímpar é tornada prolongamento da cena; banhada pela iluminação de Wagner Antonio, acumula sentidos em seu vazio.

Em seu artigo [A personagem contemporânea: uma hipótese](#), o professor e dramaturgo Luís Alberto de Abreu aponta que, ao lado de Kafka, Beckett forneceu *uma excelente matriz para o estudo de elementos de composição da personagem contemporânea*, enquanto também ressalta que, em nossa realidade contemporânea, *a alienação de si mesmo (...) talvez tenha se aprofundado ainda mais.*

O Homem de Bengala e o Homem de Chapéu de Visniec, com suas consciências fragmentadas, poderiam ser observados a partir deste prisma: seres perplexos que, no entanto, agem. *Uma ação descontínua, sem objetivo, sem sentido e, como toda ação teatral, dramática, violenta. Vladimir e Estragon cansaram-se de esperar Godot e, sem memória e, conseqüentemente sem valores, puseram-se em movimento e cruzam as ruas, ora tomados de furor, ora de passividade, ora perplexos, ora assaltados por compulsões que não conseguem conter.*

Diante da percepção de que um cachorro está sofrendo no fundo do poço, passam a conjecturar; discutem suposições e pressupostos, vertiginosamente tentam – e continuamente fracassam – compreender a situação, debatem proposições... e nada fazem. A ação de *Com os bolsos cheios de pão* é violenta por ser vazia, quase ausente, mas ainda ali, de algum modo pulsante; o falar, falar, falar e no fundo não dizer, quase um ato antiperformativo.

Quando o público entra no teatro, Castro e Mazonas já estão em cena; vê-se suas silhuetas em meio à fumaça e ao contraluz, marcando desde o início a narratividade do trabalho de Antonio. Chamam a atenção os quatro indicativos sobre as portas, para o caso de emergências: em vermelho, *saídas*. Os atores não chegarão nem perto delas – literal e metaforicamente. Sobre o espaço reduzido do cilindro, o Homem da Bengala e o Homem do Chapéu discutem em um

jogo precisamente marcado de composições estáticas e gestualidades que dançam.

Por uma hora, olham para o poço como quem não percebe que o abismo os olha de volta. Ressoam as perguntas do artigo de Abreu: *Quais as possibilidades de redenção de personagens desse tipo? Que caminhos podem indicar nesses personagens a restauração da humanidade perdida? Onde está a raiz do erro?* As respostas não se encontram em *Com os bolsos cheios de pão*.

A dramaturgia de Visniec opera uma espécie de giro desesperador em torno de si própria, um vórtice que te suga para o abismo, para o fundo do poço, para este teatro vazio recortado pela iluminação e pelos corpos e vozes de Castro e Mazonas. Machado compõe a cena consciente de que as saídas não estão tão sinalizadas como os letreiros sobre as portas.

A trilha sonora de Pedro Canales traz ruídos, dissonâncias, sons abafados ao fundo, desenhando também a condição daquela dupla, que será evidenciada ao longo da encenação. Ao restringir a dimensão da movimentação dos atores ao diminuto cilindro cênico, contrapõe-se não apenas a amplitude do espaçoso teatro, mas também o alcance de suas possibilidades de ação dentro da ágora. *Com os bolsos cheios de pão* é uma fábula do desencanto, onde a conclusão de Visniec parece reverberar, ironicamente, a primeira fala de Estragon que, depois de desistir, novamente, de tirar sua bota, conclui, exausto: *nada a fazer*.

[[colabore](#) com a produção crítica de amilton de azevedo: conheça a campanha de financiamento contínuo para [manter a ruína acesa!](#)]

ficha técnica*Com os bolsos cheios de pão***Texto:** Matei Visniec**Tradução:** Fábio Fonseca de Melo**Direção:** Vinicius Torres Machado**Elenco:** Edgar Castro e Donizeti Mazonas**Trilha Sonora:** Pedro Canales**Cenário e Figurinos:** Eliseu Weide**Iluminação:** Wagner Antonio**Assistente de Direção:** Rafael Costa e Jessica Mancini**Produção Executiva:** Jota Rafaelli MoviCena Produções[◀ PREVIOUS POST](#)[NEXT POST ▶](#)[a perversa arquitetura da
branquitude](#)[mulher, assentamento do vento](#)

Deixe um comentário

O seu endereço de e-mail não será publicado. Campos obrigatórios são marcados com *

Comentário * *

Nome *

E-mail *

Site

Salvar meus dados neste navegador para a próxima vez que eu comentar.

This site is protected by reCAPTCHA and the Google [Privacy Policy](#) and [Terms of Service](#) apply.

Publicar comentário

Acervo

Selecionar o mês



[facebook](#) [instagram](#)

copyright © ruína acesa 2020. todos os direitos reservados.
feito no WordPress | tema: Polite por Template Sell.

CRÍTICA

Com os bolsos cheios de pão: o fundo do poço é aqui.

15 de março de 2022 - by Rodrigo Nascimento - [Leave a Comment](#)

Crítica a partir do espetáculo *Com os bolsos cheios de pão*, de Matei Visniéc, dirigido por Vinícius Torres Machado.

Por [Rodrigo Alves do Nascimento](#)



O ator Edgar Castro, como o “Homem de bengala”, e o ator Donizeti Mazonas, como o “Homem de chapéu”, em cena de *Com os bolsos cheios de pão*. Foto: Keiny Andrade.

Certa vez o diretor de teatro russo Meyhold comentou, entre o irritado e o jocoso, que não entendia por que em *As Três Irmãs*, de Tchékhov, mulheres de recursos como elas simplesmente

não compravam um bilhete de trem e partiam para Moscou, ao invés de lamentarem aquela vida distante da capital. A peça termina sem que nenhuma delas parta. Vivem sob o signo da espera, como anos mais tarde também esperarão os personagens de Beckett, em *Esperando Godot*. E o dramaturgo romeno Matéi Visniec tenta abertamente voltar a este tema não só revisitando em mais de uma peça o universo dos dois dramaturgos – *O Último Godot* (1998) e *A Máquina Tchekhov* (2005) -, mas colocando no centro de uma de suas peças curtas, *Com os bolsos cheios de pão*, dois personagens incapazes de levar adiante qualquer gesto decidido ou qualquer ação concreta para mudar a realidade.

O espetáculo, que tem direção de Vinícius Torres Machado e está em cartaz no Sesc Pompeia (logo entra em temporada no teatro Alfredo Mesquita, em São Paulo), tem um ponto de partida simples: dois homens estão diante de um poço desativado em que alguém jogou um cachorro. A pungência da situação na qual se encontra o animal parece pedir uma ação rápida, mas termina por se revelar a um só tempo trágica e ridícula: ambos discutem hipóteses, argumentam saídas, pensam sobre a relação entre homens e animais; contudo, não tomam nenhuma medida concreta para tirar o bicho de lá.

O conjunto, como fábula, reverbera a mesma inação angustiante que parece ter irritado o diretor russo no início do século XX. Mas se Meyerhold de algum modo se via contaminado pela energia de um período de experimentação revolucionária, em que os sujeitos mais progressistas demandavam uma invenção e uma agilidade avessas a qualquer “compasso de espera”, nosso contexto atual tem enquadramento diverso, pois a inação das personagens, mais que anti-exemplo, de algum modo parece se mostrar espelho de nossa condição.



O ator Edgar Castro, como o “Homem de bengala”, e o ator Donizeti Mazonas, como o “Homem de chapéu”, em cena de *Com os bolsos cheios de pão*. Foto: Keiny Andrade.

Ainda que o próprio Visniec se antecipe dizendo que o que lhe interessa é a investigação do absurdo cotidiano, filiando-se diretamente a uma linhagem que, segundo ele, vai de Tchekhov a Beckett, é preciso desconfiar dessa angústia de influência. O rótulo de “absurdistas” quase sempre nivela nuances sob a ideia de que nada faz sentido em um mundo pós-Auschwitz e de que nossa própria existência, hoje, carece de qualquer direção válida. No entanto, mesmo que ambientada em uma época historicamente não localizável, o vigor de *Com os bolsos cheios de pão* parece estar naquilo que reverbera sobre nossas crenças de agora. Trata-se menos de refletir a respeito de uma angústia existencial e mais de parodiar ideologias que se encontram aqui e agora, vivíssimas, em plena operação: aquelas das soluções simples e das boas intenções. Por isso, mesmo o único gesto concreto da peça, o de atirar as migalhas de pão ao cachorro, não deixa de ser comentário ao horror ideológico disfarçado de humanismo que tanto se vê hoje.

Nessa esteira, a direção de Vinícius Torres Machado acerta ao mesclar a aridez quase impenetrável da peça de Visniec com um sutil humorismo no trabalho dos atores: a matéria trágica vem dialogada na conversação entre os dois personagens representados por Edgar Castro e Donizeti Mazonas, que se assemelham a clowns. O “Homem de bengala” e o “Homem de chapéu” são menos sujeitos com identidades e desejos íntimos do que clowns errantes, cujos nomes próprios não interessam. Parecem movimentar-se, pois um é o avesso ou duplo do outro, o que confere à interação aquela dinâmica lúdica que a comédia tão vivamente permite explorar. Mas o movimento é, na verdade, vazio, repetitivo, materializado nos corpos ágeis dos atores que

mimetizam a ação que se anuncia, mas nunca é levada a cabo. Os corpos brincam girando do mesmo modo que as palavras dão volteios. Anunciam a saída (bater no possível agressor do cachorro, descer ao fundo do poço, pegar o animal), mas imediatamente regressam à estaca zero. Tudo se assemelha àquele jogo de esconde-esconde da contemporaneidade, em que é possível transbordar as redes sociais de frases motivacionais que convidam à ação e imediatamente esquecê-las, substituí-las ou negá-las. O paradoxo é o mesmo: abundância e esquecimento.



Em cima, o ator Edgar Castro, como o “Homem de bengala”; embaixo, o ator Donizeti Mazonas, como o “Homem de chapéu”.

Foto: Keiny Andrade.

Assim, esfumaçam o trágico da vida não vivida no ridículo da inconsciência do abismo. São antes de tudo seres objetificados. Reduzidos ao espaço ínfimo de uma circunferência, que a cenografia de Eliseu Weide transforma em uma espécie de poço invertido, não podemos nos furtar a imaginar em cena de uma sinistra cela invisível, na qual seres hipervalorizam o que dizem quando, na verdade, são apenas reprodutores de ideias prontas, de caridades mecânicas e de violências comuns. Todos os clichês dessa nossa sociedade em que a opacidade das relações de capital culmina na reificação completa dos sujeitos.

Verdadeira paródia do drama tradicional europeu, com seu teatro das ações vigorosas, da vontade decidida, do diálogo efetivo e da subjetividade íntegra, essa peça de Visniec pode ser ao mesmo tempo espelho e balanço de nossa expectativa que nunca se converte em mudança radical. Mas parece ser também afirmação de que não se trata de voltar à velha crença do querer-fazer, como hoje propagandeam os *coachs* em cada esquina: antes é preciso considerar que talvez nós mesmos criamos cachorros indefesos para não enfrentar o fato de que, como

aquelas personagens tão superiores e convictas, somos parte da barbárie. E talvez também por isso, em determinado momento do espetáculo, a iluminação sutil de Wagner Antonio faça o jogo inesperado de virar os spots para a plateia, como que sugerindo que o fundo do poço também possa ser aqui e agora.

FICHA TÉCNICA

Texto: Matéi Visniec

Tradução: Fábio Fonseca de Melo

Direção: Vinicius Torres Machado

Elenco: Edgar Castro e Donizeti Mazonas

Trilha Sonora: Pedro Canales

Cenário e Figurinos: Eliseu Weide

Iluminação: Wagner Antonio

Técnica de palco: Léo Sousa

Assistente de Direção: Rafael Costa e Jessica Mancini

Produção Executiva: Jota Rafaelli MoviCena Produções

SERVIÇO

Com os Bolsos Cheios de Pão

Dias 5, 6, 8, 9, 10, 11, 15, 16, 17 e 18 de março

Terça a sábado, às 21h; domingo, às 18h

Local: Teatro Sesc Pompeia

Ingressos: R\$ 40,00 (inteira); R\$ 20,00 (credencial plena: trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo matriculado no Sesc e dependentes; meia: estudante, servidor de escola pública, + 60 anos, aposentados e pessoas com deficiência).

Classificação indicativa: 14 anos.

Capacidade: 144 lugares

Duração: 70 minutos

Bilheteria*:

Terça a sexta, das 10h às 21h30.

Sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h30.

É necessário apresentar comprovante de vacinação contra COVID-19 das duas doses, a partir de 12 anos, e documento com foto para ingressar nas unidades do Sesc no Estado de São Paulo.

Circulação Municipal *

Teatro Alfredo Mesquita

Avenida Santos Dumont, 1770 – Santana

De 19 de março a 3 de abril

Sábado, 21h; domingo, 19h

198 lugares – Gratuito – distribuição 1 hora antes do espetáculo

Teatro Cacilda Becker

Rua Tito, 295 – Lapa

De 22 de abril a 15 de maio

Sábado, 21h; domingo, 19h

198 lugares – Gratuito – distribuição 1 hora antes do espetáculo

*Este projeto foi contemplado pela 11ª Edição do Prêmio Zé Renato de Teatro para a Cidade de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura.

TAGGED COM OS BOLSOS CHEIOS DE PÃO MATÉI VISNIÉC MATEI VISNIEC MATEI VISNIÉC
RODRIGO ALVES DO NASCIMENTO VINÍCIUS TORRES MACHADO

RELATED POSTS



Vida e vida severina

3 de março de 2022



Jornada sobre os próprios ossos

11 de fevereiro de 2022



O Arquiteto e o Imperador da Assíria: crítica radical ou fascínio pela distopia?

19 de outubro de 2021

PREVIOUS ARTICLE

Ricardo Guilherme: a radicalidade do teatro



About Rodrigo Nascimento

[View all posts by Rodrigo Nascimento →](#)

Deixe uma resposta

O seu endereço de e-mail não será publicado. Campos obrigatórios são marcados com *

COMENTÁRIO

NOME *

E-MAIL *

SITE

SALVAR MEUS DADOS NESTE NAVEGADOR PARA A PRÓXIMA VEZ QUE EU COMENTAR.

PUBLICAR COMENTÁRIO**PESQUISAR****POSTS RECENTES**

Com os bolsos cheios de pão: o fundo do poço é aqui.

Ricardo Guilherme: a radicalidade do teatro

Vida e vida severina

Jornada sobre os próprios ossos

A Digna Companhia, 10 anos: invenção e direito à cidade

COMENTÁRIOS**ARQUIVOS**

março 2022

fevereiro 2022

dezembro 2021

outubro 2021

setembro 2021

maio 2021

abril 2021

março 2021

fevereiro 2021

novembro 2020

outubro 2020

junho 2020

maio 2020

abril 2020

março 2020

[janeiro 2020](#)

[novembro 2019](#)

[outubro 2019](#)

CATEGORIAS

[Artigo](#)

[Artigo](#)

[Cena Agora](#)

[Crítica](#)

[Entrevista](#)

[Podcasts](#)

[Reportagem](#)

[Resenha](#)

[Sem categoria](#)

[Tecendo a Manhã](#)

META

[Acessar](#)

[Feed de posts](#)

[Feed de comentários](#)

[WordPress.org](#)

Copyright © 2022 Cena Aberta.

Powered by WordPress and HitMag.
